

amarrar a corda no pescoço dos trabalhadores e na porta dos cofres públicos, culpando o governo pelo esvaziamento destes. Até quando?

Délcio Monteiro de Lima não aponta soluções, nem é esse o seu propósito. Ele descreve, revela dados, estatísticas, compara, ensaia interpretações. Uma coisa é certa: Se não houver uma transformação radical nas estratégias de ação dos sobrinhos de Judas, vendedores do Brasil e compradores do trabalho humano por quaisquer trinta dinheiros, em breve as nossas figueiras serão pasto de corvos.

Leticia Malard.

NEVES, Jeter. *A língua da serpente*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993. 240 p.

Dentre as diversas possibilidades de leitura do novo livro de Jeter Neves, a idéia da conjuração delinea-se como caminho instigante. Isso acontece não apenas porque o tempo básico da narrativa é um certo 21 de abril, dia de Tiradentes, chefe da conjuração mineira, mas também, e principalmente, porque outras formas de conjuro encontram-se presentes na narrativa.

O conjuro feito por Morena, a maga artesã, contra o Dr. Sauro, empresário do ano, agraciado com a medalha da Inconfidência, faz-se, pois, metonímia de minha leitura e,

como se poderá ver, da própria narrativa.

"Ó imperador Lúcifer, mestre de todos os espíritos rebeldes, sê favorável à invocação que faço a teu grande ministro Lucifuge Rofocale, pois desejo estabelecer um pacto com ele... (...) Eu te chamo, Espírito do Mal, espírito cruel, espírito sem piedade. (...) Vai e coloca um nó ao redor da cabeça do Empresário Mineiro do Ano, meu inimigo, inimigo dos meus, inimigo das artesãos, inimigo dos iniciados; (...)" (p.92).

A relação entre o nó do colar da medalha e o laço da forca de Tiradentes, mártir que dá ensejo à comemoração, é denunciadora do uso esvaziador da palavra liberdade. Entre estes dois nós instala-se um outro, o nó do garrote-vil, instrumento que matou o pai de Morena, vítima da repressão da ditadura militar dos anos 60 e 70, e que ele mesmo fabricara durante seu tempo de "reeducação" na prisão.

"Os relatos falam da cara de terror do sentenciado quando o torniquete, às primeiras voltas, inicia a compressão da nuca, e o pescoço, *enlaçado* pela coleira de ferro, recebe a pressão na garganta (...)" (p.66).

Assim é que se relacionam as duas partes do livro: "O Relatório" e "A Relação". O relatório, que descrevia as atividades de reeducação do prisioneiro, surripiado por Thot da rede dos poderosos, faz parte da relação, o ato de relatar. Não é por acaso que

Thot, o companheiro de Morena, tem o nome do deus egípcio da erudição, das letras, da sabedoria. Ele é inventor da escrita, protetor das artes e dos escribas. Assim a narrativa se constrói sob o signo de Thot, personagem de múltiplas faces, entre elas a de duplo do narrador, e mesmo do autor implícito, a discutir o lugar da literatura na sociedade.

O relatório político sobre a "reeducação" do pai de Morena, com quem ela se identifica na profissão de artesão e na crença no ato de criar, integra o relato e é parte fundamental de relação amorosa com Thot.

É nesse jogo que o leitor vai estabelecendo novas relações, novas vinculações, que vão do "Prelúdio" ao "Interlúdio", criando a peça de esconjuro de demônios de épocas e espaços diversos, metaforizados pelo Dr. Sauro Venalli, cujo nome evidencia suas legiões.

A figura da serpente, que dá nome ao livro, desloca-se pela narrativa, provocando a interpenetração dos lados, ligando domínios aparentemente contrastantes. De instrumento de tortura do pai, ela passa a objeto de fetiche da filha, deslocando sentidos impostos pela história. Na verdade, a serpente é também a própria narrativa a inumar/ exumar cadáveres e, ao mesmo tempo, oferecendo-se à inumação/ exumação.

Nessa trama de conjuração, de que o leitor é convidado a participar, a arte circula em parceria com o amor e a morte.

Num exercício de metalinguagem, o narrador questiona o lugar da arte e, particularmente, da literatura. É então que o "relatório" dialoga com os escritos de Morena, com os pretensos filmes de Thot, expondo os arcabouços da construção da narrativa: "Acho o relatório melhor do que o seu livro. Ele não pretende fazer literatura nem denúncia e acaba fazendo as duas coisas..." (p.139).

A fala de Thot, que, supostamente, "não tolera literatura", a respeito dos escritos da companheira, traem uma autorreflexão do autor implícito sobre o seu próprio fazer poético.

Thot ocupa ainda o lugar do leitor crítico, o que não o impede de exibir a ambigüidade do deus bifronte Jano, uma ambigüidade de "cínico idealista", como, por exemplo, no texto sobre a magia do texto que entrega à Morena: "O texto é minha inscrição rupestre, pintura na parede da gruta: é o bisão, o alce, o arco e a flecha. (...) O texto é minha grande magia para *conjurar* raios e trovões./ O texto é meu amuleto./ O texto é a ponte sobre o abismo./ O texto é minha cabala, minha dança da chuva, meu vodu./ Tento te fixar nas paredes da gruta com meu texto, resgatar você de um tempo que não me pertence. (...)" (p.172/173).

A confissão não é só de Thot, nem se dirige apenas a Morena. Antes é do duplo do autor implícito em seu amor pela maga artesã, símbolo da

arte e seu poder de criação e conjuração.

O narrador fala dos vários nomes de Thot: Pedro, Jano, Gabriel, Professor, cujas significações não se faz necessário comentar, já que o que interessa é seu trânsito textual e social. No trânsito pelas repúblicas de Ouro Preto, "tentam arrancar sua língua de serpente", pois, "diabos, ele ficava *conjurando* tudo, olhos parados e lúcidos, como só um demente sabe."

E é para melhor conjurar que o autor implícito se vale de outras vozes: Villon, o poeta-bandido, Vivaldi, Pessoa. E aí identifica-se com Thot e seus painéis com Van Gogh, Maiakovski, Artaud: "O desamparo de Thot naquela janela. E ele faz o que lhe restava fazer: uivou pra lua - se lua houvesse - numa linguagem contaminada de todas as falas alheias, que ele já até pensava serem dele, pois era assim que às vezes se encontrava e às vezes se perdia" (p.114).

A busca de identidade de Thot a mirar sua face no espelho, com ou sem barba, traduz o jogo de (des) mascaramento dos rituais sociais, a farsa burlesca do agraciamento das autoridades, a feira cultural do processo educacional. Aí a linguagem vulgar e a ironia funcionam como fórmulas de conjuro nesse processo de desvelamento. Mas seria ingênuo deixar de perceber que não há oposições definitivas ou excludentes, pois a cobra serpenteia em todos os espaços e sua língua é bífida.

Ao fazer interpenetrar relatório e relação, produto e processo, enunciado e enunciação, a narrativa - língua de serpente - inuma/ exuma corpos. Não apenas os das vítimas da chamada revolução de 64 ou de quaisquer movimentos repressivos, mas o próprio corpo social em suas contradições. É assim que o corpo do texto, Jano bifronte, língua bipartida da serpente, carrega em si outros corpos, para não deixar "o porão entregue à sua noite e ao seu pó;" pois, como afirma Thot, "quem não escreve sua própria História não tem biografia que preste" (p. 95-96).

Ivete Lara Camargos Walty

ALBERGARIA, Lino. *Em nome do filho*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1993. 95 p.

Lino Albergaria, autor de numerosas obras destinadas ao público infanto-juvenil, lançou em 1993 o seu primeiro romance. Com a parcimônia de doze capítulos e noventa e cinco páginas, pede o escritor a sua inscrição na galeria brasileira dos ficcionistas contemporâneos. E é *Em nome do filho* que se dirige aos leitores diretamente, desde as primeiras linhas, em tom coloquial, íntimo, a buscar-lhes a cumplicidade. Conversa ao pé do ouvido, por certo terá boa acolhida esta narrativa multifacetada que deixa ver o material e os andaimes que lhe sustentam a construção.